

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTOR

DELFIN DE NORONHA

1.^a SERIE

LISBOA 22 DE JANEIRO DE 1881

NUMERO 4

GERENTE

HENRIQUE ZEFERINO

Remetemos a nossa revista a todas as folhas periodicas, pedindo a troca. Algumas, porém, (felizmente poucas) não só não accederam ao convite, como levaram o desprimor a ponto de não accusarem a recepção das «Ribaltas.» Lamentamol-as!

CHRONICA ALEGRE

Nunca a semana lisbonense teve, como agora, necessidade de ser fertil e de ser garrida.

Atravessa ella muito embora a charneca da monotonia, cavalgando o onagro do *spleen* e pascendo no torrão do enfado.

Peça debalde ao Tejo a lymphá de crystal, aos laranjaes floridos o aroma do noivado, ás brisas múrmuras os cantares sonoros.

A chronica, que se multiplica como a hydra, exige-lhe aspectos novos, casos imprevisos, aventuras raras.

Como ha de essa pobre Lisboa, tradicionalmente pacovia e esquiua, corresponder gentilmente a tantos adoradores que a requestam, a tantos localistas que a namoram, a tantos humoristas que a espreitam?

Graças a Deus, quando não haja uma ideia, quando a ingrata, esteril como a figueira maldita, não renda ao menos uma anedocta picante, resta-nos o recurso do adjectivo.

Infelizmente, o adjectivo, essa luminaria da rhetorica, começa a descair da graça como o hymno da Restauração, a missa do gallo e as phylarmonicas, — tres velhos idolos do fetichismo indigena.

É verdade que no terreno sáfaro da semsaboria lusitana desabrocha de quando em vez, (como dizem os brasileiros), um prodigio identico ao do *menino tambor*.

É por isso que os *tambores meninos*, erguidos ao zenith de um assumpto ardentemente ambicionado, florescem em Portugal como em nenhum outro paiz do mundo...

Dois personagens illustres experimentam n'este momento a maior de todas as admirações notando a leviandade com que se escreve a historia.

Tinham-lhes affirmado que o Tejo era um bello leãozinho manso, que sacudia amorosamente ao fulgor do sol meridional a sua juba ondeante e calma, enroscando-se, como um pachá apaixonado, aos pés da sultana coroada de sette collinas.

Um poeta dissera no seu canto de sereia :

*Quem andou por Tejo acima
Por cima dos seus crystaes.*

O Tejo, porém, no momento em que o contemplam o principe Leopoldo e o deputado Nabuco, tem as fauces hiantes e os rugidos pavorosos do chagal !

Elle que recebe annualmente e deposita pachorrentamente os residuos mysteriosos, as secreções anonymas da formosa cidade de granito á beira mar plantada, elle que guarda impenetravel o sygillo do banho, que uma população inteira lhe confia, no decurso de tres mezes, (durante os quaes o accio deixa de ser um luxó superfluo,

por isso que os medicos teem a habilidade de fazel-o passar por um remedio indispensavel) e todas as irregularidades das epidermes refractarias á acção do sabonete e hostis ao purificativo da agua, elle acorda finalmente, irado e não facundo, despenha-se impetuoso, dá um salto de tigre e humilhando o Terreiro do Paço, que até então o dominára, vac esbofetear, — o insolente ! — a face bronzea de D. José !

Ser-nos-ha licito perguntar-te, ó rio, tu que associado com a lua fizeste a delicia de uma geração de Elisas cantadas pelo bando-lim dos menestres romanticsos, ser-nos-ha permitido perguntar-te, Tejo de crystal, se tu, como certos politicos, mudaste de cor e quererás, em vez da brisa que murmura, um barrete phrygio ?...

DELFIN DE NORONHA.

BIBLIOGRAPHIA

Ha livros que se lêem com a mesma facilidade e delicia com que uma pessoa bebe, saboreando em pequeninos goles, uma taça de Champagne.

Toda a difficuldade, porém, consiste em pintar as sensações diversas, ora alegres ora tristes, que o auctor transmite ao espirito do leitor, o encanto singular que se exhala das suas paginas, aroma subtil e vago, em descrever a originalidade de um estylo picante e doce como o Champagne...

Referimo-nos ao livro de Julio Cesar Machado, *A vida alegre*, onde, como em nenhum outro, talvez, brilham as elevadas prendas de character, o talento gracioso e delicado do folhetinista elegante.

Vibrar a nota caracteristica que dê ao leitor a sensação rapida e synthetica do que venha a ser esse bello volume, perfeitamente da existencia moderna, afigura-se-nos até certo ponto impraticavel. Arrancar-lhe-hemos, por conseguinte algumas paginas deliciosas, que substituiremos á nossa critica semsabor.

«Encontrei n'uma casa a passar a noite uma senhora estrangeira. Porque me agradasse a sua conversação aproveitei a vantagem de lhe ter sido apresentado, e entretinha-me a conversar com ella de preferencia a conversar com quem me não agradasse tanto. Isto passava-se em casa de um consul velho, que já morreu, e a quem eu era recommendado.

Pelo fim da noite, o bom do consul disse-me que no dia immediato haviamos de ir ver uma casa nova, lindissima, que o seu amigo fulano acabava de construir.

— Com muito gosto ! — respondi.

— Ha de gostar. É uma belleza. Venha jantar connosco, e depois iremos até lá de passeio...

No dia immediato jantei lá; acabado o jantar, as senhoras foram pôr os chapéos, appareceu o amigo fulano, dono da tal casa nova, que iamos ver, e puzemo-nos todos a caminho.

As senhoras iam adeante, conversando. Atraz, em certa distancia, o consul, o amigo e eu.

O amigo era velho tambem, velho, gordo e bem posto, folgasão, agradavel.

Por mais que eu quizesse esquivar-me a essa distincção, chegados a certa altura, o consul chegou-se para a direita, o amigo chegou-se para a esquerda, e achei-me no meio d'elles. Então o con-

sul, moderando a voz para que sua mulher e a cunhada, que iam adiante, não ouvissem nossas fallas, disse por esta maneira:

— Estivemos pensando em si... Eu parei, pasmado a olhar para elle, em duvida do que se me figurava ouvir.

— Vamos para deante! — disse o amigo fulano.

— Vamos andandol! — disse o consul. E, d'alli a nada, proseguindo:

— O sr. Julio Cesar Machado está n'uma terra que não é a sua, não tem conhecimento das pessoas nem dos usos; é moço, é muito moço — que idade tem, ó sr. Machado?

— Vinte e tres annos.

Olharam um para o outro...

— Vês? Vinte e tres annos! É muito moço!

— Muito moço!

— Pois, por isso mesmo, pensámos nós que toda a prudencia é pouca no seu caso. O meu amigo já leu as confissões de Rousseau?

— Já li. É a melhor obra d'elle.

— Sabe d'aquella semsaboria que lhe aconteceu em Veneza...

Ora isso é que é preciso ter sempre em vista quando se chega a uma terra e se é rapaz...

Eu parei outra vez, ainda mais pasmado a olhar para elles...

— Vamos para deante — disse o consul.

— Vamos para deante! — disse o amigo.

— Amanhã, do meio dia para a uma hora, visto como o sr. Machado tem de escrever a respeito dos usos e costumes das terras que visita, e de certo o typo da lavradeira lhe ha de absorver um capitulo, tomámos em consideração o caso em que se acha, e, para que possa ter conhecimento da feição e linguagem d'essas personagens caracteristicas do norte, alcançámos que uma, verdadeiramente typo, o procure na sua qualidade de modelo...

É, disse o outro, uma figura digna de observação. Pintor que fosse o sr. Machado, não lhe seria facil alcançar mais formoso modelo. Deve ter alli um bom capitulo...

E como eu de novo parasse, e já estivesse a esbogarhar cada vez mais os olhos.

— Fica, pois, prevenido... — disse o consul.

— Amanhã ao meio dia! — retorquiu o amigo.

Eu ficava sem saber o que dizer-lhes...

— Vamos para deante! — disse o amigo.

— Vamos para deante! — disse o consul.

Fomos para deante; demos o nosso passeio, vimos a casa, e fomos convidados a ficar para a noite. Com muito agradável surpresa minha, entre varias pessoas que alli se reuniram, appareceu a senhora estrangeira. Conversou-se, fez-se musica, e eu, seguindo o movimento natural de ir cada um para o que mais lhe agrade, fui sentar-me junto d'ella. Conversámos, rimos, disse-lhe finezas,

ella era esportissima e sabia dar o desconto devido ás circumstancias que concorrem n'um forasteiro, que não tem tanto tempo como os da localidade para prefaciá-las obras que emprehenda; e, pedindo-lhe eu licença para lhe escrever, respondeu-me com grande delicadesa, que não tinha duvida em me auctorisar a isso, porém que uma coisa, isso sim, me pedia...

— Que coisa é? perguntei eu.

— Fazer com que nem o consul nem o amigo d'elle sonhem sequer...

— Oh! minha senhora, posso jurar-lhe que...

Levantei-me, fui conversar com outras pessoas; na manhã immediata escrevi á senhora estrangeira: ao meio dia appareceu a lavradeira trazendo um papel em que vinha escripto o meu nome e o numero da porta, mercê da providencia dos dois cavalheiros que assim se interessavam pelo bom andamento das minhas diligencias litterarias de *touriste*. No dia seguinte veio a resposta á minha carta, e n'ella se me dizia:

«Se tão vivamente lhe recommendei a maior diserção para com o consul e o outro amigo d'elle, perfeitamente segura dos bons sentimentos de V, mas não querendo deixar de especialisar bem que para com esses dois respeitaveis cavalheiros era necessaria uma isenção absoluta de referencias, é porque... — como dizer-lhe isto? — é porque... elles fazem-me a côrte!»

Elles!...

Li isto, e, comprehendendo então a sollicitude com que aquelles meus dois bemfeitores tão depressa me tinham visto conversar de preferencia com a estrangeira, logo se haviam occupado de me proporcionar um objecto de estudo tão valioso como o tal modelo de Avintes, pisquei-lhes o olho, como se os estivesse a ver; e disse a mim proprio, como elles me diziam na tarde do passeio:

— Vamos para deante!

JULIO CESAR MACHADO.

*
* *

Distribuiu-se o n.º 50 da *Moda Illustrada*, revista quinzenal de modas, de que é proprietario e gerente o sr. David Corazzi. A *Moda Illustrada* corresponde excellentemente a todas as variadas attribuições de um periodico dedicado ás senhoras, e que como tal deve recreal-as, ministrando-lhe ao mesmo tempo moldes, figurinos, explicações adequadas ao assumpto. A parte litteraria, elegantemente redigida, completa o merecimento d'esta interessante publicação.

Assigna-se para a *Moda Illustrada* no escriptorio da empreza Horas Romanticas, rua da Atalaya, 40 a 52.

FOLHETIM

ALEXANDRE HERCULANO

Traslamos da *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro o artigo do sr. Ramalho Ortigão, ao qual diligenciaremos responder no n.º 5 das *Ribaltas*.

Uma commissão ultimamente constituida para o fim de elevar um monumento á memoria de Alexandre Herculano acaba de concluir os seus trabalhos, abrindo uma subscrição nacional para trasladar as cinzas do finado escriptor para a egreja dos Jeronymos, em Belem, erigindo abi um mausoleu digno dos restos que está destinado a encerrar. Os membros da commissão, que assignam o convite feito ao publico para o alludido fim, são os srs.: José Gregorio da Rosa Araujo, presidente, João de Andrade Corvo, Francisco Antonio Pereira da Costa, José Maria Borges, José Manuel da Costa Basto, Francisco Xavier de Almeida, João Maria Galhardo, thesoureiro, e José Joaquim Gomes de Brito, e Eduardo Coelho, secretarios.

É esta a segunda tentativa feita em Lisboa para levantar um monumento a Herculano,

Todos os periodicos são concordes em affirmar que é uma vergonha nacional não pagar esse tributo de honra ao sabio, que o paiz inteiro se habituou a venerar como o symbolo mais perfeito do genio litterario e do valor civico.

Este afan denota, da parte dos contemporaneos, um ardor patriotico que lhes faz honra e que distingue favoravelmente a geração actual das gerações que a precederam e deixaram em aberto a divida contrahida com os grandes homens que as serviram e honraram.

O meu grande pesar — confesso-o francamente — é não me poder associar com mais entusiasmo a esta manifestação.

A evocação de Alexandre Herculano, como sendo a expressão mais alta da gloria no meu tempo, deixa-me o coração frio. A sua alma, por mais esforços que eu faça para comprehender, para a amar, não se me communica, não me acalenta, não me fortalece.

Admiro-o apenas, vendo n'elle um grande erudito, um eminente escriptor, um poderoso temperamento litterario, e nada mais.

Como Catão — e é sob este aspecto que os panegyristas especialmente o celebram — prefiro o de Plutarcho.

O que principalmente distinguio dos seus concidadãos o Catão romano foi que, depois de ter merecido as honras do triumpho, elle não imitou os generaes que, combatendo menos pela virtude do que

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro de D. Maria

João Thommeray, drama em 3 actos de Augier e Sandeau, traduzido por Pinheiro Chagas.

Os que viajam, isto é os escolhidos, costumavam d'antes dizer aos reprobos, aos que não viajam:

—Homem, deixe-se de peneiras, se vossê visse a Comedia franceza, alli sim, aquillo é que é theatro! Quando haja de figurar na peça uma gallinha, regalam-se os comicos com uma bella gallinha de carne e osso. Se a rubrica pede Chateau Lafyte, bebe-se Chateau Lafyte. Os salões da alta vida, para os quaes o auctor encaminhou os personagens, com os seus amplos reposteiros brazoados, os seus velludosos tapetes, os seus *fauteuils* macios e balsamicos como ninhos de pomba, os seus contadores marchetados, os seus bronzes florentinos e marmores de Carrara, os salões do *fashion* reproduzem-se fielmente surprehendidos no grande aspecto da opulencia elegante.

Isto por cá, meu amigo, acrescentava o ditoso, alludindo especialmente ao theatro *normal*, é uma pelintrice!

Venham para cá agora os escolhidos, que não duvidam exagerar o merito alheio á custa de rebaixarem o valor pessoal, e digamos se a *misé-en-scène* da *Estrangeira* e do *João Thommeray* não rivalisa, por todas as maneiras, com o que possa haver de melhor no theatro francez?

O *João Thommeray* subiu á scena pela primeira vez em beneficio da actriz Falco, uma actriz cujos progressos assombram a critica, um talento fino e elegante que não recua diante de nenhum obstaculo, e que ao passo que diz primorosamente o dialogo dos seus personagens, veste-os admiravelmente.

Presinto o sorriso desdenhoso com que me recebem esta allusão.

O leitor, que não perdoa, e com razão, que o enganem, indigna-se ao conduzi-lo o jornalista ás considerações banaes de um vestido, em vez de eleva-lo ao ponto culminante de um assumpto litterario, encostado ao velho bordão das theorias, para estes casos especialmente reservadas. A leitora, porém, não se indigna, a leitora, valha-nos isso, applaude-nos com um bello sorriso vermelho e humido como um botão de rosa. Será pois a v. ex.^a que diremos que os tres vestidos *éblouissants* da actriz Falco e os dois vestidos lindissimos (lindissimos é pouco, digamos fascinadores) da actriz Damasceno, constituem, depois do scenario, que é um deslumbramento, um dos maiores encantos do *João Thommeray*.

pela gloria, logo que chegavam ao consulado e ao triumpho, abandonavam os negocios para passarem o resto da sua vida na ociosidade. Catão, diz o seu biographo, era como um corajoso athleta que ainda depois da victoria continua os exercicios e só descança na morte.

Alexandre Herculano, descançou em vida, abandonando a arena em perfeita robustez e em plena força. Quando a patria mais precisava da sua energia e da sua actividade elle resignava successivamente o seu lugar de deputado, o seu lugar de academico, o seu lugar de jornalista, o seu lugar de critico, o seu lugar de historiador e no delicioso socego dos obscuros, ia tranquillamente cultivar oliveiras.

Catão honrava tambem a terra, agricultando-a com o seu proprio braço, mas levantava-se de noite para tratar do negocio da Republica, antes de tratar dos seus, e em vez de se demittir elle disputava ardentemente os logares em que a sua actividade podia exercer-se e era successivamente tribuno militar, questor, consul e, finalmente, já na velhice, por um supremo esforço patriotico, elle conquistava o primeiro, o mais trabalhoso, o mais difficil cargo da Republica, e era censor aos oitenta annos de idade.

Herculano explicava a sua abstenção dos negocios publicos e dos trabalhos litterarios pela dôr resultante das accusações injustas. Explicação inadmissivel. As accusações destroem-se. Catão, cincuenta vezes accusado, cincuenta vezes se defendeu e se justificou

E já que perpetrámos esta *escapade*, fallando da *toilette* das actrices antes de fallarmos do valor da peça, sempre diremos ao leitor que Sarcey, Paulo de Saint Victor, o *monsieur de l'orchestre*, Alberto Wolf e outros, não consideram de nenhuma fórma humilhada a sua fina penna de critico pelo facto de investigarem, como qualquer senhora perita no assumpto, todos os detalhes elegantes da *toilette* da Sarah Bernhardt e da Croizette.

O novo drama de Augier e Sandeau propõe-se especialmente accender a divina chamma purificadora do amor da patria. Desde o primeiro até ao ultimo acto a idéa dominante, esboçada a principio e perfeitamente definida no quadro final, palpita generosamente, como uma grande aza cortando serenamente um glorioso céu azul. Essa idéa é como que a reacção de dois espiritos, pungidos e aprisionados pelos horrores do cerco, resurgindo e cantando ao claro sol da liberdade.

Esse cantico, porém, entoado em louvor da França, executado em homenagem ao francez, não acorda naturalmente em paiz estranho o mesmo entusiasmo que despertou em França. A patria de que alli se falla não é a nossa patria; o ultimo acto, um acto rapidamente delineado, de um estranho encanto heroico, tendo ao fundo o panorama das margens do Sena, do qual resalta, nitidamente contorneada, a estatua de Henrique IV, primorosamente pintado por Manini, o ultimo acto que enlouqueceu o Paris litterario e artistico das *premières*, deixou a platéa, relativamente, fria.

A imprensa, referindo-se ao primeiro acto, nota-lhe a ausencia de elementos scenicos.

A nós, pelo contrario, pareceu-nos formosissimo na sua austera simplicidade biblica esse acto, passado na Bretanha, no velho solar dos Thommeray, substituindo os effeitos pela causa, e concentrando-os em um bello quadro de familia, casto e meigo como as doces telas flamengas de Gerardo Dow.

Adivinha-se n'esse primeiro acto a collaboração directa de Sandeau, que tem pelas santas tradições de familia e pela Bretanha, pudicamente velada, como uma noiva ingenua, pelas suas florestas seculares, uma especie de culto supersticioso e ingenuo.

O terceiro e quarto actos, por ventura os melhores, são dois actos de alta comedia, onde transluzem todas as finas subtilezas do espirito francez, os elevados dotes excepçoes dos eminentes escriptores que presidiram á sua concepção e onde tambem reflectem as cambiantes, alternadamente luminosas e sombrias, da vida parisiense, estudada na sua larga esphera de salão.

A vigorosa situação, simultaneamente comica e dramatica do 4.^o acto, em que o marido, collocado entre a esposa e a amante, ambas escondidas, accusa inconscientemente a primeira, revelando á segunda a presença da rival, é originalissima e foi, além de tudo, admiravelmente representada.

diante do senado e diante do povo. Alem do que, as accusações de que Herculano foi objecto eram mais uma fórma de glorificação do que outra cousa. Os ataques a que deu causa a eliminação do milagre d'Ourique na historia das origens da monarchia contribuíram mais do que todos os elogios para fundar a popularidade do nome de Herculano. Que mais pôde desejar um escriptor como consagração da sua auctoridade do que ser insultado nos pulpitos por padres boçoes e em pamphletos ridiculos por caturras biliosos e tontos? Uma carta de Paschoal de Gayangas bastou para espalmar completamente em um só dia a opinião dos adversarios de Herculano sobre a interpretação do documento relativo ao combate do campo d'Ourique. O arabista Antonio Caetano Pereira, que sustentara a opinião adversa a Herculano, foi convencido da mais crassa ignorancia ou da mais profunda má fé, e perdeu em homenagem devida ao historiador que pretendia refretar a cadeira d'arabe de que era professor no Lyceu de Lisboa. Não se pôde ambicionar um maior triumpho.

Quando por um conflicto pessoal o auctor da historia de Portugal declarou que truncára o seu trabalho porque não podia, sem quebra de dignidade, tornar a entrar na Torre do Tombo, enquanto lá estivesse como guarda-mór o conselheiro Joaquim da Costa de Macedo; a academia das sciencias interveiu e o governo demittiu Macedo do logar de guarda-mór.

Para que Alexandre Herculano pudesse proseguir nos estudos historicos sem preoccupações pecuniarias, elle tinha casa paga pelo

É inútil encarecer o merito da traducção, sabendo-se que é de Pinheiro Chagas.

Occupemo-nos agora do desempenho, um primor, um novo triumpho que cobre de gloria, não só a sociedade artistica, que tão dignamente está dirigindo o theatro de D. Maria, como o seu habilissimo ensaiador, o dr. Luiz da Costa.

A primeira menção pertence *par droit de conquête* á actriz Rosa Damasceno. Finura maliciosa, *nonchalance* calculada, innocencia estudada ao espelho, entre uma camada de *veloutine* e um traço de bistre, desenvoltura chic, d'essa que brilha no Bois ás duas horas da tarde, fazendo o desespero das mulheres honestas e arruinando os jogadores da Bolsa, nada faltou ao personagem, ou por outra á photographia da *cocotte* parisiense.

O effeito foi instantaneo e a execução maravilhosa, valendo ella á graciosa actriz tres chamadas especiaes.

Falco interpretou com uma grande distincção natural o papel da baroneza e teve no segundo e terceiro actos inflexões e gestos verdadeiramente admiraveis.

Virginia, que passou de relance, como uma estrella cadente, apparecendo apenas no 1.º acto, deixou comtudo na peça o rasto luminoso do seu talento peregrino! Maria Adelaide fez quanto poude para elevar-se á altura do papel da condessa, mãe de João Thommeray, embora não fizesse quanto era indispensavel para a completa individualisação d'esse personagem importantissimo.

O vulto de João Thommeray, o bretão altivo, candido e selvagem, como as suas velhas montanhas legendarias, recebeu de Brazão o intenso colorido dramatico que elle sabe transmittir, como um grande pintor, a todas as phisionomias. É possivel que o eminente actor abase por vezes da tinta dramatica, sacrificando-lhe, não raro, a simplicidade elegante do protogonista moderno, que consiste no gesto sobrio e dialogo natural que é de rigor usar-se na boa sociedade.

Augusto Rosa que é hoje, sem contestação, o primeiro *discur* do theatro portuguez, representou brilhantemente.

João Rosa comprehendeu com o seu fino talento malleavel e espontaneo o personagem, essencialmente parisiense, do barão.

Antunes fez um bello typo de fidalgo bretão. Pinto de Campos, Baptista Machado e Luiza Lopes, discretamente.

O *João Thommeray* está decerto destinado a fazer epocha, como a sua formosa antecessora a *Estrangeira*.

* *

Salão da Trindade

Esteve brilhantissimo o concerto da Trindade a beneficio das escholas pobres. A frente da mais alta e da mais illustre socie-

dade de Lisboa via-se toda a familia real, incluindo o principe Leopoldo de Saxe, irmão de el-rei D. Fernando. A sala rescendia a opononax e a Lubin.

Nas galerias, onde a pasmaceira indigena finge que se diverte, pelo carnaval, pendurando os seus commentarios incolores e os seus risos convencionaes sobre a cabeça alvar dos pierrots enlameados e dos dominós tropegos, desenrolava-se, como um collar de finas perolas transparentes, uma sellecção de perfis delicados que destacavam do fundo branco da galeria como pequeninas medalhas byzantinas. E na sala, por entre as casacas pretas, sobresahia o chic feminino, os setins macios e lustrosos, os *frous-frous* da seda, a grande elegancia dos chapéos modernos, extravagantes, romanescos, bohemios, coroados de plumas á Directorio, ou de vizeira caida, como os capacetes antigos.

O aspecto do salão da Trindade em a noute de segunda feira suggeria duas impressões absolutamente heterogéneas.

A sympathia que provém de uma boa acção caritativa, exercida por meio de um bello certame litterario e artistico, e a curiosidade que provoca um protesto tacito, resultado de uma unanimidade consciente, levantado por esse illustre advogado eloquente que se chama... Silencio.

Sim, o acaso providencial reuniu-as, aproximou-as, enlaçou-as, como um perfumado ramallete orvalhado, colhido em uma estufa, e cada uma d'essas mulheres, de olhos peninsulares negros e brilhantes como onix, de sorriso rubro e dentes brancos como aljofares, de cabellos sedosos e pretos, de *toi'ette* luxuosa e nitida; cada uma d'essas formosas patricias que concorreram ao sarau, talvez para que o principe Leopoldo leve de Portugal uma ideia elevada com respeito aos melhores productos, (as senhoras e as laranjas) que esmaltam a patria adoptiva de seu irmão; cada uma d'ellas era um protesto eloquente contra o boato, insidiosamente propalado, que até hoje tem calumniado impunemente as senhoras portuguezas, chamando-lhe feias!

Tomaram parte no concerto os seguintes amadores:

D. Elgesira Tavano, D. Adelaide Cardoso, D. Adelaide Torres, D. Adelaide Neuparth e os srs. Alcantara Ferreira, Julio Neuparth, Filippe Duarte, Augusto Palmeiro, Carlos José Lopes, Guilherme Gazul, Antonio Marcos Tasso, Vieira, Lami, e os illustres poetas Gonçalves Crespo, Fernando Caldeira e Jayme Seguiet. E para que nada faltasse a esse bello sarau, representou o sr. Pedro Moreira, um curioso que vale bem mais do que muitos actores de profissão, e deu uma secção de prestidigitación o sr. Freitas Gazul.

Cada uma das senhoras colheu um triumpho e recebeu uma *corbeille* ou um bouquet de camelias; releve-se, porém, á nossa missão de *reporter* que exorbite alem dos limites traçados á analyse de um concerto de amadores, realiado a beneficio de uma insti-

rei, junto da bibliotheca das Necessidades, e tinha como bibliothecario, como academico e como proprietario do dicionario portuguez de Ramalho e Sousa, vendido á academia, a renda annual de réis 1:760\$000. Elle me-mo refere nas suas obras que por mais de uma vez lhe foi offerecido um logar de deputado, foi-lhe offerecido igualmente o pariato, foi-lhe offerecida a commenda da Torre Espada, foi-lhe offerecida a Grã-Cruz de S. Thiago — todas as honras, todas as dignidades, todos os commodos da existencia.

Quando alguém pessoalmente o incommodava elle apontava ao dedo o individuo que se lhe figurava um estorvo e esse individuo cahia, como cahiu da cadeira d'arabe Antonio Caetano Pereira, como cahiu da Torre do Tombo Joaquim da Costa Macedo, como cahiu da bibliotheca da Academia das Sciencias Augusto Soromenho. Se isto é que é ser perseguido pela animadversão, não sei então o que é ser estragado pelo mimo.

A minima contrariedade escandalisava a fibra estoica d'este singular spartano. Sendo presidente da camara municipal de Belem officio ao governador civil do districto para que fosse castigado certo official do exercito ou dissolvida a camara. A razão d'este conflicto fôra que uma sentinella, postada á porta do quartel de artilheria, havia impedido por ordem official da guarda que alguns operarios collocassem junto da entrada do quartel um candieiro para a illuminação publica. Como o governador civil não tinha acção disciplinar sobre o official accusado, a camara foi dissolvida.

Na intimidade da sua convivencia, Herculano manifestava o mesmo excesso de irritabilidade que o tornava incompativel com a vida publica. Os mesmos individuos eram successivamente para elle o objecto da mais cega estima e da mais insanavel aversão. Esta foi a sorte de Castilho, de Macedo, de Soromenho, do visconde de Seabra, do duque de Saldanha e de varios outros.

O Catão romano, quando os philosophos ou os rethoricos gregos lhe desagradavam, accusava-os diante do senado, fazia-os expulsar da republica, mas não se punha de mal com elles.

No momento em que a sociedade portugueza, reconstituida em novas bases politicas, quasi decapitada pela extincção dos conventos, que encerravam uma grande parte das forças intellectuaes da nação, se organisava como ainda hoje se está organisando para a educação e para o exercicio da liberdade; quando a litteratura e a arte, quebrada a tradição jesuitica, debatendo-se na revolução romantica, procuravam desordenadamente determinar o seu destino, fundar o seu methodo, coordenar a sua funcção; quando na politica, na administração, na imprensa, em todos os departamentos do estudo e do trabalho intellectual, se exigia a cooperação de todas as forças dirigentes da comunidade; quando a pratica do constitucionalismo manifestava effeitos progressivos de esterelisação e de decadencia moral; quando dentro do regimen liberal principiava a sciência moderna determinada pela iniciativa d'aquelles que julgam preciso combater para fazer pela doutrina a revolução das idéas, assim

tução de caridade, dedicando menção especial a uma senhora e offerecendo-lhe, em vez de uma camelia branca um adjectivo escarlate. Esplendido!

Alludimos á sr.^a D. Elgesira Tavano, um soprano extenso e límpido, atacando a phrase com o encanto de quem sabe comprehender e fazer sentir a par da melodia do spartito a poesia namorada do libreto. A sr.^a D. Elgezira cantou a *Forza del destino* de maneira a empallidecer a gloria de muitas *virtuosis* celebradas pela grande voz da publicidade.

Depois do canto d'esta insigne amadora, deixem-nos especialisar a formosissima poesia de Fernando Caldeira, *Transmigração*, primorosamente recitada pele auctor.

Gonçalves Crespo recitou tambem com admiravel sonoridade duas poesias encantadoras, *O minuete* e o *Inquisidor*, a que elle deu os relevos delicados da concepção e da interpretação que os artistas da Renascença davam aos sonetos e ás taças por onde bebiam o amor e a morte as bellas patricias de sangue azul.

Jayne Seguiet repetiu com finissima *verve* duas espirituosas poesias, brilhando especialmente na segunda, em francez, *Moqueuse*.

A scena de imitações de Pedro Moreira, atravez da qual vimos passar, *tão real e perfeitamente*, não como estão no ceo, mas como apparecem no palco, Taborda, Augusto, Rosa Senior, Emilia das Neves e outros, arrancou uma girandola de gargalhadas e mereceu ao insigne actor-curioso uma ovação ruidosa e prolongada.

A enchente era enorme e o producto foi de certo digno, não só do intuito a que se destinava como do grupo sympathico que abrihantou a festa.

GUIOMAR TORREZÃO.

CARTEIRA DE UM FANTASISTA

O seu olhar, Dolores, que jocundo!
Quando elle desce a repassar-me o seio,
Até parece que me vou do mundo.
N'um doce enleio!

Que olhar! que meigo! quem não hade amal-o?
Vêl-a, Dolores, nada mais desejo,
Pois me parece que de dôr estalo
Quando a não vejo!

Vêl-a e revêl-a, a nada mais aspiro
Mas vêl-a sempre como a vejo agora
Bebendo a luz do amor em que eu deliro,
Minha senhora!

como os seus paes fizeram pela guerra a revolução dos factos; quando n'este momento, tão grave para o destino do paiz, toda a geração nova appellava para Herculano como para o unico homem a quem o talento e o estudo dera o direito e o prestigio da auctoridade, o poder de dirigir, Herculano desertou, desertou não sómente do conflicto politico e do conflicto social do seu tempo, mas do conflicto moral, da controversia das intelligencias, da pugna dos principios e das idéas. O que escreve estas linhas disse-o por mais de uma vez no tempo em que o grande homem, ainda vivo, poderia esmagar a accusação se a achasse á altura de o poder ferir. Esta invulnerabilidade do vivo desaffronta-me para fallar sinceramente do morto.

Na obra de todo o homem eminente ha uma parte de marmore, que é o monumento construido pelo seu espirito, e ha uma parte de madeira, que é o revestimento dos andaimos em que trabalhou a sua personalidade. A morte desconjuncta os madeiramentos e põe a nú a pedra. A irreverencia pôde prejudicar a popularidade dos vivos, não pôde nunca attingir a gloria dos mortos. Por isso perante a vida se deve pedir a bonevolencia, perante a morte não se pôde aceitar senão a verdade. Que intervenha ou que não intervenha o respeito no julgamento dos que deixaram de existir é cousa indifferente. O que na obra d'elles era transitorio, cae, o que era definitivo fica. Posso, portanto, repetir desassombadamente, sem receio de attentar contra a justiça, que Alexandre Herculano, postergando a responsabilidade da sua intelligencia e abandonando em meio a obra

Vêl-a e adoral-a, nada mais jocundo,
Vêl-a e adoral-a, nada mais desejo,
Pois me parece que me fuge o mundo
Quando a não vejo!

SIMÕES DIAS.

A LITTERATURA FEMININA

Deparou-se-nos em Paris em um bello artigo de Brummel uma lista das escriptoras parisienses, verdadeiramente prodigiosa pela sua fecundidade.

«Alem das mulheres cuja profissão é a de escrever, taes como Madame Adam, por exemplo, e mencionando só as mundanas que fizeram as suas provas na livraria, que de nomes eu poderia registrar!... É a duqueza de Roche-Guyon, auctora d'esses deliciosos poemas infantis: a *Volière ouverte*, que eu recommendo a todas as mães; madame Cecilio Pollonais, castellã do Cap Ferrat, que tem publicado obras d'um encanto tão penetrante: a viscondessa de Pitray que herdou de sua mãe, a condessa de Ségur, o dom de contar ás crianças adoraveis historias que fazem a sua alegria e ao mesmo tempo a tranquillidade de seus paes; madame de Witt, a digna filha de Guizot, cujos livros são conhecidos de todas as familias; a marqueza de Harcourt filha de Beauport-Sainte-Aulaire, que, depois de ter escripto a biographia da duqueza de Orleans, publicou uma *Vida de Joanna d'Arc*, que é o *pendant* em litteratura da obra da princeza Maria em esculptura, a mesma simplicidade, o mesmo encanto, a mesma grandeza tocante; madame Mathilde Stevens, que assigna com o pseudonymo de *Thilda*, brilhantes correios de Paris na *France*; madame de Peyronny, que deu uma illustração litteraria ao nome do *Visconde de Létorière*; a condessa de Barck, graça feita espirito e cujo retrato devido a Regnault é um dos thesouros do Luxemburgo; madame Craveu, que tira das suas recordações de familia paginas de ensino o mais elevado e de attracção a mais poderosa; a marqueza de Blocqueville, cujo retrato lhes dei ha dias; a viscondessa de Janzé, a auctora do *Berryer* e da *Magnolia*; a condessa de Haussonville, de quem é editora a casa de Michel Lévy com grande proveito d'esta; madame Gustavo Fould que poz todo o seu talento de romancista no *Gustavo Haller*; a condessa de Gassarín, uma professora em litteratura; a condessa Mirabeau, madame de Molènes, tão espirituosas e tão parisienses; *Jacques Vincent*, cujo romance *Jacques de Trévannes* classificou o nome como o de *Rachilde*; a condessa de Flavigny; a condessa de Armaillé, que se occupa de trabalhos historicos; madame Lenormant, que escreveu a vida e publicou a correspondencia de madame Récamier; a baroneza de Cambourg e madame de Gévrie, que, de sociedade, tem escripto comedias encantadoras; madames Daudet,

do seu espirito e a direcção mental do seu tempo, ainda por esse facto me veio persuadir que ha attenuações que fazer no perfil catoneano que lhe pretendem attribuir.

Quando as legiões romanas se consideravam perdidas nos despenhadeiros do Oeta, diante do exercito de Antiocho, Catão, que era o mais sabio e que tinha aprendido na lição da historia factos importantes para guia da vida, não se recolheu para a sua quinta a provar sobriedade e modestia comendo rabanos cozidos, como Manio Curio. Pôz-se á frente das legiões sem rumo e como, já velho, tinha aprendido a lêr os historiadores da Grecia, foi adiante, só, de rochedo em rochedo, perscrutando o terreno, até que descobriu e veio mostrar aos romanos a senda desejada: era a garganta das Thermopylas, por onde elle sabia que n'outros tempos haviam passado os persas por cima do corpo de Leonidas.

Finalmente, por mais que estreite ou alargue o paralelo, eu não encontro entre o Catão de Plutarcho e o de Valle de Lobos, senão um unico ponto de contacto e de accordo. Esse traço de semelhança commum consiste no rancor implacavel que um e outro alimentaram constantemente — o romano contra Carthago, o portuguez contra os homens do seu tempo.

Delenda est foi sempre, constantemente, a imprecação de Herculano sobre a moderna sociedade portugueza. Para elle o paiz era uma podridão; a democracia uma ladroeira; a sciencia nova uma gria, subvertendo o seculo como o dos gongoristas.

Caro, Foucaux, dignas companheiras litterarias de seus maridos, e eu não cito mesmo algumas das mais dignas de serem apontadas, querendo dar uma ideia rapida da litteratura feminina na nossa epoca, nos salões, sem querer fazer um catalogo.»

A CARTEIRA DE PRUDHON

Ha dias passou pelo Chiado uma formosa rapariga elegantemente vestida.

—Oh! que bonita pequena, exclamou um *habitué* da Havaneza, que frescura de pelle, que feições! Tem a linha, como diz o Dumas!

—É verdade, acudiu um fazedor de trocadilhos, com pretensão a espirituoso, é uma *pesCADORA*... à linha!

Uma mãe a seu filho.

—Es tão descuidado que até para mudar de camisa é preciso eu lembrar-te! Agora, que vaes viajar, não teres remedio senão começar todas as minhas cartas por estas palavras: «Não te esqueças de vestir camisa lavada.»

O filho, cheio de inquietação:

—Oh! meu Deus!... E a mamã tenciona escrever-me muitas vezes?

—Certamente! De dois em dois mezes.

Labiche, que acaba de ser recebido entre os immortaes da Academia franceza, fazia os maiores elogios ao seu collega Y...

—Pois olhe, observou-lhe alguem; Y... exprime-se a seu respeito em termos absolutamente diversos.

—É possível, respondeu o espirituoso escriptor; provavelmente enganamo-nos ambos!

Discorria-se em uma sala acêrca de um grande revez succedido a um argentario pertencente á melhor sociedade.

—Ha de consolar-se, disseram simultaneamente seis ou oito pessoas; o tempo é um grande remedio.

Nem sempre, exclamou a sr.^a D. Rosa. Eu experimentei em minha vida um serio desgosto e posso jurar-lhes que o tempo não conseguiu nunca desvanecel-o.

—Qual? perguntaram todos.

—A minha primeira ruga.

RUMORES DOS PALCOS

A actriz Emilia Adelaide suspendeu os seus espectaculos no theatro dos Recreios, reservando-se para recommal-os em maio, no theatro do Principe Real, que tomou de arrendamento por tres an-

Como Catão, elle não cessou nunca de bradar — *Delenda est*. Tão sómente Herculano declamava apenas contra a Carthago da sua antypathia. Catão promoveu e preparou contra a sociedade carthagineza a terceira guerra punica e predisse que seria Scipião o herdeiro do sen odio, o continuador da sua obra, o destruidor de Carthago. Herculano não deixou herdeiro nem successor, porque elle não tinha a profundidade da convicção que leva a destruir. Contentava-se em amaldiçoar. Era apenas um misanthropo. Nunca amou os homens. Os homens nunca o poderão amar. O talento não basta para merecer o amor. É preciso para ser verdadeiramente um grande homem, ter, além do talento, a abnegação, ter o enthusiasmo sagrado de uma ideia, o esquecimento da propria personalidade, o espirito da dedicação, o espirito do sacrificio.

Na intimidade dos seus amigos, na sua vida domestica, Herculano era um coração doce, simples e bom. Os seus amigos teem obrigação de amal-o, os seus concidadãos não teem esse dever.

Como litterato Herculano merece a estatua que se lhe consagra e na qual se poderá dizer que elle serviu á historia descobrindo alguns factos, e serviu a arte escrevendo bem.

Na estatua de Catão dizia-se: *Por ter elevado a republica, que a alteração dos costumes inclinava para a ruina*. Isto não se poderia dizer de Herculano. E todavia diz-se. Quasi todos os jornaes o disseram com mais ou menos pompa rhetorica, durante os ultimos quinze dias, a proposito do monumento que se projecta levantar ao

nos. Representar-se-ha então o *Suicidio* de Paulo Ferrari, que começara a ensaiar-se no theatro dos Recreios.

*
* *

Está-se representando no theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, obtendo um exito doido, a comedia em tres actos *De quem é a creança?* O emprozario é o actor portuguez, Guilherme da Silveira. Os principaes papeis da comedia, no genero da *Niniche* e *Meia de lã*, são desempenhados pela actriz Herminia, Silva Pereira e outros.

*
* *

O *Foyer do Jornal da Noite* de terça feira 18 dedica-nos, a par de umas palavras amaveis, que agradecemos, uma reprehensãosita que não acceitamos. As 2 *raias* do latim, a que allude, pertencem tanto á responsabilidade da redacção como a palavra *prosador*, escripta pelo localista do *Jornal Illustrado* de 16 do corrente, com referencia ao sr. Pinheiro Chagas, e metamorphoseada, por obra e graça da typographia, em *provocador*.

*
* *

A Trindade vae fazer *reprise* da *Filha da Senhora Angot* desempenhando a actriz Esther o papel de mademoiselle Lange, Godefroy o de Frouchart e Senna o de Trienitz.

*
* *

O actor Furtado Coelho realisou o seu beneficio no Rio de Janeiro levando á scena a esplendida comedia de Julio Sandeau, *Mademoiselle de la Seiglièr*. A elegante sala do theatro *Lucinda* estava completamente cheia pela fina flôr da sociedade fluminense.

Furtado Coelho interpretou o papel do marquez de la Seiglièr, a grande criação de Rosa Senior, mantendo sempre, mais ou menos, a fidelidade typica do personagem, embora por vezes accentuasse demasiadamente o elemento dramatico. Lucinda, sempre correcta e conscienciosa, desempenhou com elevada intuição artistica o papel da filha do marquez. Furtado Coelho recebeu muitos brindes e saudações.

*
* *

Representa-se actualmente no Rio de Janeiro *O filho de Corulia*, que subiu á scena no theatro de D. Maria no final da epoca passada, agradando extraordinariamente.

*
* *

solitario de Valle de Lobos. Isto revolta-me, porque offende a verdade, porque destróe com o sentido das palavras a proporção das cousas e principios de justiça, com que devem ser apreciados os factos e julgados os homens.

Como escriptor eu admiro Herculano, como cidadão regeito o exemplo que elle deixou e que eu reputo funesto para todos os que pensam e para todos os que trabalham.

A modestia em que elle se envolveu para acabar no esquecimento, que pedia aos seus contemporaneos, não a respeito por que a julgo falsa. Eu sei que lhe foi offerecida a commenda da Torre Espada, porque elle o publicou. Sei que lhe foi offerecida a grã-cruz de S. Thiago, porque elle o publicou. Sei que lhe foi offerecido o pariato, porque ainda elle o publicou. N'estes casos publicar a offerta é uma maneira orgulhosa de levantar a dadiva. A modestia é muda.

Portanto, ás acclamações enthusiaslicas que nos ultimos quinze dias teem saudado em Herculano o *maior cidadão portuguez*, o *Catão d'este seculo*, eu sinto o dever de ajuntar uma palavra: — discordo.

RAMALHO ORTIGÃO.

Além das peças que já indicámos, estão também fazendo as delicias das platéas fluminenses a opera comica, *O milho da Padeira*, e o drama *As mulheres de Marmore*.

*
* *

O successo escandaloso da *Nana*, romance, repete-se, incorreto e augmentado, na *Nana* — comedia! Os bilhetes para a primeira representação venderam-se por um preço doido.

*
* *

A censura dramatica do Rio de Janeiro, onde ha uma censura, que, infelizmente, não existe em Portugal, prohibiu a representação da comedia *O Curo*, que foi ouvida sem protesto pela plateia do Principe Real.

CARTEIRA DE UM FARCISTA

A UMA DOENÇA...

Deitado n'uma cama o Fortunato,
Entregue ao mais cruel desolamento,
Jazia o triste moço n'um tormento
Que fazia andar tudo em pó de gato!

A pobre irmã, afflicta, coitadinha!
Ao ver o manosinho tão doente,
Pedia lhe dissesse, instantemente,
A causa de seu mal de tanta moinha.

Em vão ella o fazia, porque o moço,
A gemer cada vez mais desesperado,
Par'cia não ter inteiro nem um osso!

Chega afinal o doutor tão desejado,
E descobre que o mal, é um carogo,
Que se desfaz com oleo camphorado!...

A. PITOU.

INDICAÇÕES UTEIS

Com o titulo de *Messageries de la Presse française* o sr. Cesar de Noronha teve a excellente idéa de fundar uma agencia litteraria, destinada a vulgarisar em Portugal os melhores jornaes francezes. Esses jornaes, que anteriormente só se obtinham mediante uma assignatura onerosa, pôde cada um lê-los ao presente, comprando-os avulso no escriptorio da empresa e na tabacaria Neves, ou assignando por series de 10, 20 e 30 numeros. Além de muitas outras publicações a *Messagerie de la Presse française* recebe as seguintes:

Le Figaro, La Republique Française, Le Gil Blas, Le Voltaire, La France, Le Rappel, Le Petit Journal, La Petite Presse, Le Petit Moniteur, Le Petit Parisien, Le Monde Illustré, Le Journal Illustré, La Presse Illustrée, La France Illustrée, La Vie Populaire, Le Monde Plaisant, La Vie Parisienne. E os primeiros jornaes de modas da sociedade elegante de Paris: *La Mode Illustrée* e *La Mode Universelle*.

Independente d'estes jornaes, o sr. Cesar de Noronha encarrega-se de mandar vir de Paris com a maxima promptidão qualquer outro que lhe seja requisitado.

A proposito lembramos-lhe a *Nouvelle Revue*, brilhante revista redigida por madame Adam, a *Recamier* da geração nova, que falta á collecção da *Messagerie*.

*
* *

No intuito de sermos agradaveis ás leitoras, indicando-lhe os objectos uteis e os estabelecimentos que merecem as suas preferencias, recommendamos-lhe a «pomada brilhante», inventada pelo sr. Fonseca Pinto, acreditado pharmaceutico, destinada a combater a invasão capillar que desfeia o rosto das bellas. A pomada brilhante alcança maravilhosamente este resultado, a que de balde se tem proposto os industriaes francezes, e consegue-o sem de nenhuma forma alterar a pureza da cutis.

HYGIENE

RECEITAS

ANISETE DE BORDEUS

Alcool de 30 grãos..... 2 litros
Essencia de anis..... 8 gotas
Agua..... 1 e 1/2 litros
Assucar de pilão..... 1 e 1/2 kilogr.

Dissolve-se o assucar em agua fria, mistura-se-lhe depois o alcool, ao qual se juntam 8 gotas de anis.

REMEDIO CONTRA AS FRIEIRAS

Faz-se ferver, até reduzir a dois terços, o seguinte: Vinho tinto, 1 titro. Agua, 4 litros. Casca de Carvalho, 250 grammas.

Dois ou tres banhos, de meia hora cada um, bastam para fazer desaparecer as frieiras.

EPIGRAMMA

(TRADUZIDO DE MARCIAL)

Atravessando as ondas empoladas
Buscava audaz Leandro a amante linda,
E assim fallava ás ondas irritadas;
«Deixai-me lá chegar, matai-me á vinda.»

MARQUEZA DE ALORNA.

EMILIO ACHILLES MONTEVERDE

Abriam-se as portas da eternidade e fecharam-se as de um jazigo para receber e encerrar uma alma e um cadaver.

Esse espirito e esse corpo era o do conselheiro Emilio Achilles Monteverde, o cidadão benemerito a quem o paiz deve um eterno testemunho de gratidão.

Soube elle proporcionar ao povo os livros que por excellencia o devem guiar no caminho da felicidade, ministrando-lhe em simples noção clara e facil, e por um preço accessivel a todos, ainda os mais desprotegidos, os subsidios necessarios, não só para o conhecimento elemental da leitura, como também o de todos os ramos indispensaveis para formar a intelligencia e desenvolvê-la.

Isto conseguiu-o Monteverde com os seus dois livros immortaes o *Methodo de lêr* e o *Manual Encyclopedico*.

Como se não bastasse isto para o tornar sympathico, reunia elle ainda todos os predicados que distinguem e nobilitam um homem, occupando pelos seus notaveis dotes um dos cargos mais eminentes na vida social.

Monteverde possuia uma bondade sem limites e todas as grandes qualidades e singulares virtudes de uma alma de eleição.

Não podia a nossa revista ficar silenciosa perante a memoria d'este cidadão exemplar, tendo o seu proprietario a honra de ser contado no numero dos seus amigos e dever-lhe testemunhos de affectuosa distincção.

Descance em paz o amigo, e sirva a sua vida de norma áquelles que desejem marcar a sua passagem pela terra com o traço brilhante que este morto deixou ao volver o seu espirito ao Creador.

HENRIQUE ZEFERINO

EXPEDIENTE

Com o titulo de *Collaboração fluetuante* encetamos uma secção destinada a inserir os artigos que nos forem remettidos e que a redacção julgar dignos de publicidade.

Enviámos o 1.º numero das RIBALTAS e assim faremos aos que se seguirem a todos os nossos collegas de Lisboa, aos quaes esperamos merecer igual attenção. Agradecemos, a proposito, as phrases benivolos que se dignaram dispensar aos numeros do nosso semanario.

Toda a correspondencia com referencia ás RIBALTAS E GAMBIARRAS, assignaturas, annuncios, etc., deverá ser dirigida, devidamente franqueada, para a Rua dos Fanqueiros, 87.

Typ. de Christovão A. Rodrigues — Rua do Norte, 145-1.º

SECÇÃO DE ANNUNCIOS

RIBALTAS E GAMBIARRAS
REVISTA SEMANAL
Publica-se aos domingos e vende-se em todos os theatros

PREÇOS
Cada numero..... 20 réis | Rio de Janeiro—Assignatura
Lisboa Assignatura de 25 nu- | de 25 numeros... 25000 réis
meros..... 500 » | Assigna-se em casa dos srs. Sousa Tei-
Assigna-se na Livraria Zeferino—87, | xeira e Moraes Calabre—95, Rua dos
Rua dos Fanqueiros, 87. | Ourives, 95.

MUSICAS

PARA PIANO E PARA PIANO E CANTO

OPERAS COMPLETAS DOS MELHORES AUCTORES

A 300 RÉIS

EDIÇÕES NITIDAS E CORRECTISSIMAS

LIVRARIA ZEFERINO—Rua dos Fanqueiros, 87

P. J. A. CAMBOURNAC

OFFICINA A VAPOR DE TINTURARIA

14 E 16 LARGO DA ANNUNCIADA

420, Rua de S. Bento

LISBOA

LUVAS A' BON MARCHÉ

O CENTRO COMMERCIAL, expõe a melhor luva que se pôde manipular em pellica russiana, franceza e nacional aromatizada com o mais distincto perfume oriental. Preço de luva com 4 botões para dama e com 2 para cavalheiro são 500 réis!!! Envia pelo correio a troco de estampilhas e fazem grandes abatimentos para exportação.

DEPOSITOS PRINCIPAES

LISBOA, Rua Aurea, 120 a 122—PORTO, Praça de Carlos Alberto, 11 e 12.

Ha luvas para todos os preços no Centro Commercial.

A ARTE

PUBLICAÇÃO MENSAL DE LITTERATURA E BELLAS ARTES

Adornado de gravuras em madeira e aço tanto nacionaes como estrangeiras, representando monumentos historicos, objectos artisticos e archeologicos, copias de quadros celebres, etc.

EDITOR EDITORIO DIRECTOR
Christovão N. Rodrigues 145, Rua do Norte, 1.º N. Sousa e Vasconcellos

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA (paga adiantada)

Portugal Trimestre 900 | Semestre 15800 | Brazil Semestre..... 65000
Anno..... 35600 | Anno..... 125000

DICIONARIO UNIVERSAL PORTUGUEZ

POR

FRANCISCO DE ALMEIDA

ESTÁ PUBLICADO O 16.º FASCICULO

PREÇO 400 RÉIS

Assigna-se na administração e empreza

Antiga livraria Zeferino

87, RUA DOS FANQUEIROS—LISBOA

RIBALTAS E GAMBIARRAS
REVISTA SEMANAL

ACCEITAM-SE ANNUNCIOS

Na Livraria ZEFERINO

87, Rua dos Fanqueiros—Lisboa

CADA ESPAÇO 400 RÉIS

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario-gerente Henrique Zeferino.

A MODA ILLUSTRADA
JORNAL DAS FAMILIAS

Contendo os ultimos figurinos das modas de Paris, explicações e desenhos de bordados, moldes de tamanho natural, trabalhos de agulha, romances, chronicas, bellas-artes, enygmas pittorescos, litteratura, annuncios, etc.

É o unico jornal escripto em portuguez e que dá folha de moldes em todos os numeros

Publica-se Nos dias 1 e 15 de cada mez
Director-proprietario, David Corazzi
ADMINISTRAÇÃO
42, Rua da Atalaya, 1.º—Lisboa
EMPRESA HORAS ROMANTICAS

Preço da 1.ª edição (Com grav. color.) 24 numeros, 24 moldes e 24 figurinos coloridos
Anno..... 45000
Semestre.. 25100
Trimestre. 15100
Avulso... 5200

Preço da 2.ª edição (Sem grav. color.) 24 numeros e 24 moldes unicamente
Anno..... 35000
Semestre.. 15000
Trimestre.. 5580
Avulso... 5160

TABACARIA NEVES

TEM UM VARIADO SORTIMENTO DE TABACOS NACIONAES E EXTRANGEIROS

VINHOS ENGARRAFADOS

FLORES E ARTIGOS DE CORTIÇA

PRAÇA DE D. PEDRO, 42 e 42

Vende varios jornaes e entre outros as
Ribaltas e Gambiarras

ÀS ELEGANTES

POMADA BRILHANTE DE PINTO

PARA TIRAR O CABELLO DA CARA OU DO CORPO
SEM FAZER MAL Á CUTIS

DEPOSITOS

Pharmacia Pinto | Pharmacia Badia
Á CRUZ DAS ALMAS TRAVESSA DA ASSUMPTÃO, 83

N. B. Esta pomada não tira o cabelo para sempre; é preciso usal-a de quinze a quinze dias.

HISTORIA DE UM GATO PRETO

1.º SONETO

Começa a historia:

Oh! dôr jámais sentida!—O negro gato
Que «eduquei» de pequeno—e tanto amava
Foi á caixa onde as joias eu guardava
E tudo espatifou—ingrato! ingrato!

Foi-se áquella medalha com retrato...
Retrato que adorei, e ainda adorava;
Foi-se áquella pulseira, onde brilhava
Um feijão esmaltado... e carrapato!

Não te posso mais vér, negro «bichano!»
Espero o aguadeiro, o meu freguez,
E vou te já mandar para o guano?

Depois, chorosa como a «linda Ignez»,
Vou remedio pedir para este damno
Á loja na rua Aurea, 108

(Segue a falla da avó)